



Era uma vez... não, não, não começarei a história da forma que quase todos começaríamos.

Um certo dia... hum... também não me parece bem começar a escrever assim. Acho que muitos o fariam também.

Alexandra tinha pouco mais de 26 anos, era de estatura média, os seus cabelos eram castanhos-claros e os seus olhos cor de mel, trabalhava num jardim-de-infância, adorava crianças, de lhes contar histórias, fazer brincadeiras e peças de teatro. Sempre fora uma rapariga bem-disposta, aventureira e gostava de conviver.

No dia anterior deitou-se um pouco tarde porque foi tomar café com o pessoal da organização do evento radical. Ela era colega de todos eles e ofereceu-se para ajudar pois aquele tipo de actividade aumentava a sua adrenalina e fazia-a sentir-se bem com ela própria.

Acordou bastante cedo nesse dia cheio de sol e quente como se fosse verão; mesmo deitando-se tarde no dia anterior sentia-se cheia de energia.

O que não contava é que esse dia lhe fosse trazer momentos de satisfação, alegria, adrenalina, e muito menos esperava que alguém reparasse nela de uma forma especial e daí nascesse uma amizade especial.

Pelas sete e meia da manhã já tinha ela ido à padaria buscar os 200 pães de Úl encomendados para o pequeno-almoço dos participantes, que seria junto aos Moinhos pelas dez horas. Mal chegou aos moinhos montou as mesas para matar a fome aos aventureiros. As mesas estavam guarnecidas do pão já aberto e queijo, fiambre, marmelada, chouriço, fruta, águas, sumos e iogurtes. Arranjou tinas de água para puderm lavar as mãos e colocou também umas toalhas numa cadeira ao lado. Estava satisfeita com ela própria; não se esquecera de nada.

Claro que para receber o pessoal para o pequeno-almoço não estava só; havia com ela duas colegas para ajudar, a Maria e a Beatriz. Eles começaram a chegar só por volta das dez e meia da manhã, mas vinham com uma larica fenomenal. O trabalho delas era o de os orientar até às mesas e chegar-lhes as bebidas. As sandes, visto que o pão já estava aberto, eram feitas pelos próprios.

Houve um deles que se dirigiu à Alexandra e retirou as luvas que usava para conduzir a sua mota e pediu que ela preparasse umas sandes, mas ela respondeu: - Desculpe mas aqui são todos iguais! Nós só servimos as bebidas. Vocês fazem as vossas sandes.

Mas Carlos respondeu-lhe logo de seguida mas com um sorriso: - Pois, mas eu feri-me nesta mão e não me dá muito jeito.

- Mas, para andar de mota já não lhe dói!? Estou admirada, mas não seja por isso, não quero que vá dizer mal da organização.

Ele agradeceu com amabilidade e um sorriso e foi ter com a sua equipa “Os Bota Química” e olhou para ela mais que uma vez. Houve comentários entre a equipa, mas ela não reparou nem por um só minuto que estavam a olhar para ela e a comentar. Ela conhecia alguns dos participantes e falava, ria, brincava com os conhecidos, da figura deles cheios de lama, mas, no fundo, ela nunca mais via a hora de chegar à pista de trial para ir dar uma volta de mota.

Dali os aventureiros iram fazer mais um percurso e parariam mais tarde, por volta das duas da tarde na Senhora das Flores onde almoçariam porco no espeto, beberiam sumos, água e cerveja e para sobremesa, fruta.

Carlos era um rapaz pouco mais alto que Alexandra, era magro mas bem feito, moreno de cabelos pretos e olhos castanhos, alegre, aventureiro, agradável, bem-educado, divertido e amável.

Alexandra, Maria e Beatriz iam estar a ajudar no almoço e o Rui e a Rita eram os responsáveis por servir o almoço.

Depois do pequeno-almoço as três raparigas limparam o local impecavelmente, visto ser um local turístico. Claro que avisavam repetidamente os participantes para não deitarem nada para o chão enquanto estes comiam, pois não havia recipiente para colocar o lixo.

Pelas duas da tarde já estavam ajudar o casal a preparar o local para o almoço dos participantes que chegariam famintos como leões.

Neste raid participavam motas de duas rodas, moto quatro e jipes, não havia muitas mulheres e as que participavam iam nos jipes.

Eram três e meia da tarde quando chegaram os primeiros participantes para o almoço. Foi servir sandes de porco no espeto com fartura e sem parar, cervejas, sumos, águas... pareciam que não comiam há anos-luz... estavam famintos. Eles estavam estoirados e ainda iam descansar um pouco por ali, antes de partirem para o último percurso onde a chegada seria na pista de trial. Estavam todos bem-dispostos, alegres e divertidos. Já todos falavam e brincavam uns com os outros, parecia que já



se conheciam. Claro que na equipa de Carlos faziam-se alguns comentários acerca das três raparigas e este olhava para ela às vezes.

Antes de se prepararem para arrancar, mas não todos ao mesmo tempo, dois rapazes foram ter com Maria e pediram algumas cervejas para a equipa beber durante o percurso final. Ela disse: - Não sei se é possível mas vou perguntar à Alexandra, esperem um pouco. Os rapazes seguiram Maria. A Alexandra estava em cima da carrinha de caixa aberta junto à arca frigorífica a arrumar as coisas, mas antes que Maria falasse algo, Carlos adiantou-se logo: - Olha, será possível levarmos algumas cervejas para bebermos pelo caminho?

- Levar as cervejas nas motas não é muito possível. Primeiro, quem conduz não bebe e, além disso, temos que entregar as garrafas que tiverem vazias, pois tem vasilhame.

- Eu responsabilizo-me. Eu não bebo e as cervejas vão no jipe. No final entregarei as garrafas vazias e as cheias, podes confiar.

- Muito bem, eu tomei conta das vossas caras, no fim quero lá as garrafas. Levam dezasseis e têm que me entregar todas.

- Sim senhora! Está descansada, vou ter contigo e entrego-te pessoalmente, faço questão, podes confiar.

- Está bem então... bom trajecto.

Ela continuava a responder de forma distante e indiferente, achava que ele já se estava a esticar e nem sequer parecia “primo do elástico”. Não a conhecia e estava a falar-lhe com confiança a mais. Maria estava pasmada. Normalmente a amiga era simpática e cordial e não sabia porque estava a ser fria e distante.

Já na pista de trial Carlos atravessou a pista em direcção à Alexandra e entregou as garrafas: - Aqui estão, vês como podes confiar em mim?!

- Parece que sim.

Virou as costas, foi ver como estava a preparação do jantar e foi com a Maria buscar o bolo que seria servido à noite na sobremesa, para além da fruta, visto que havia dois membros da direcção que faziam anos nesse dia. Ela queria voltar o mais rápido possível porque ainda queria dar uma volta de moto quatro na pista de trial e não poderia passar sem isso... também tinha direito depois de tanto trabalho...